

INFLUÊNCIA DA EXPERIÊNCIA DO GINETE NAS NOTAS FUNCIONAIS DA PROVA FREIO DE OURO

JOÃO RICARDO MALHEIROS DE SOUZA¹; ANELISE HAMMES PIMENTEL¹;
 GABRIEL DE MARCO FLÓRIO¹; JULIANA SALIES SOUZA¹;
 MONIQUE DA SILVA COSTA¹; CHARLES FERREIRA MARTINS¹

¹ Grupo de Pesquisa Cavalo Crioulo – joao.rms@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Aos olhos de quem assiste a desenvoltura em pista dos cavalos crioulos competidores do Freio de Ouro, é difícil categorizar o desempenho dos gineteiros que os conduz. Com 31 anos de história, a prova foi responsável por ampliar, implantar e consagrar diversas técnicas que passaram a ser utilizadas na equitação do sul do Brasil (MARTINS, 2013).

A decisão de escolher o treinador é baseada no número de animais classificados ou sua colocação final na última edição da prova. Embora esse critério de escolha seja traduzido em resultados positivos, impede que gineteiros mais novos tenham a mesma oportunidade que os gineteiros mais experientes.

Divergências sobre o desempenho dos gineteiros, muitas vezes, são oriundas da falta de elementos para comparação entre seus desempenhos. A caracterização do grau de experiência associado ao desempenho dos cavaleiros pode ajudar proprietários na escolha do ginete para seus animais.

Este trabalho teve por objetivo estudar o desempenho dos gineteiros competidores da prova Freio de Ouro.

2. METODOLOGIA

Foram avaliados 138 gineteiros, que conduziram um total de 641 animais avaliados funcionalmente durante a realização das provas classificatórias ao Freio de Ouro 2012 e finais do Freio de Ouro de 2011 e 2012. Para avaliar o efeito da experiência do gineteiro, foi realizado um ranking dos gineteiros que participaram dessas provas, baseando-se na sua experiência, conforme a Tabela1:

Tabela1: Representa o ranking dos gineteiros.

Ranking	Número de observações
1 = Participou pelo menos de uma classificatória	7
2 = Participante de mais de uma classificatória	45
3 = Classificou apenas uma vez a prova	18
4 = Classificou animais a prova mais de uma vez	46
5 = Competiu apenas uma vez a segunda fase da prova	32
6 = Competiu mais de uma vez a segunda fase da prova	29
7 = Conquistou apenas uma vez o Freio de Prata ou Bronze	35
8 = Conquistou apenas uma vez conquistou o Freio de Ouro	33
9 = Conquistou mais de uma vez o Freio de Ouro	56

As avaliações basearam-se nas médias das notas funcionais na primeira fase da prova, descartando-se a nota morfológica. Os dados foram submetidos à

análise de regressão e análise de variância utilizando o procedimento STATISTIX 8.0.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao se fazer uma análise de variância (ANOVA) das notas médias dos gineteiros ranqueados, verificou-se uma diferença altamente significativa ($P \leq 0.001$) entre eles, o que pode ser observado na Figura 1.

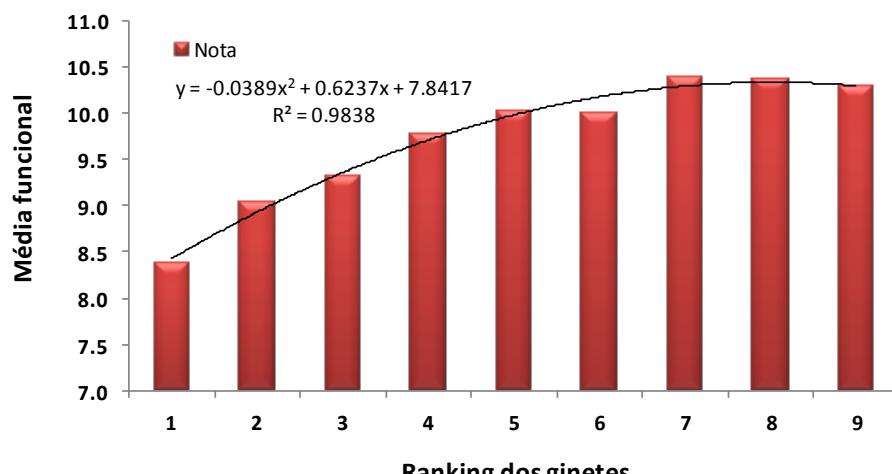
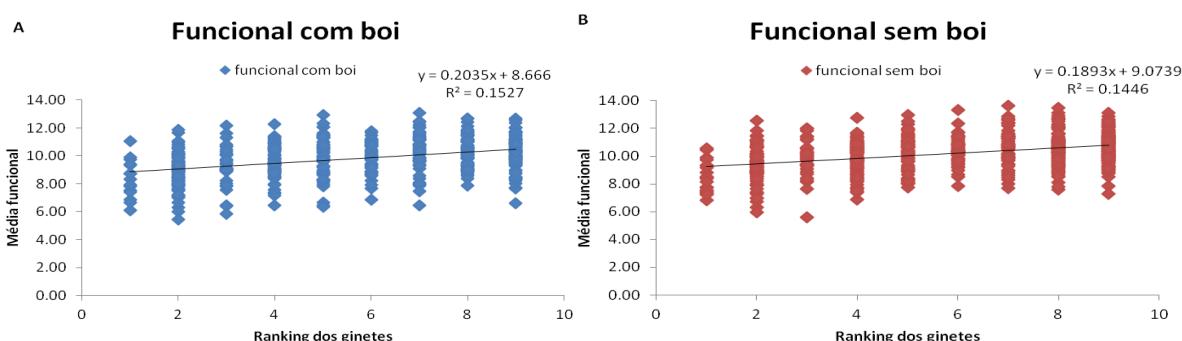


Figura 1. Influência do ranking dos gineteiros nas médias funcionais.

Avaliando a Figura 2, verificou-se também que há grande oscilação nas notas dos gineteiros independentemente da experiência (ranking).

Devido à imprevisibilidade no comportamento do boi, ele é considerado por muitos como um fator de “azar” e tanto os gineteiros mais experientes como os menos experientes estão expostos a isso. Esse fato levantou uma curiosidade e direcionou a avaliação dos gineteiros analisando as provas funcionais em que o boi não está presente, ou seja, foram excluídas da análise as notas das provas de mangueira e paleteada. O resultado está na Figura 3.



Figuras 2: A: Distribuição das notas funcionais em função do ranking dos gineteiros das provas com boi. B: Distribuição notas funcionais em função do ranking dos gineteiros das provas sem boi (“azar”).

Da mesma forma, nas notas funcionais das provas sem a presença do boi, houve uma grande amplitude entre as notas tanto nos gineteiros menos experientes como nos mais experientes.

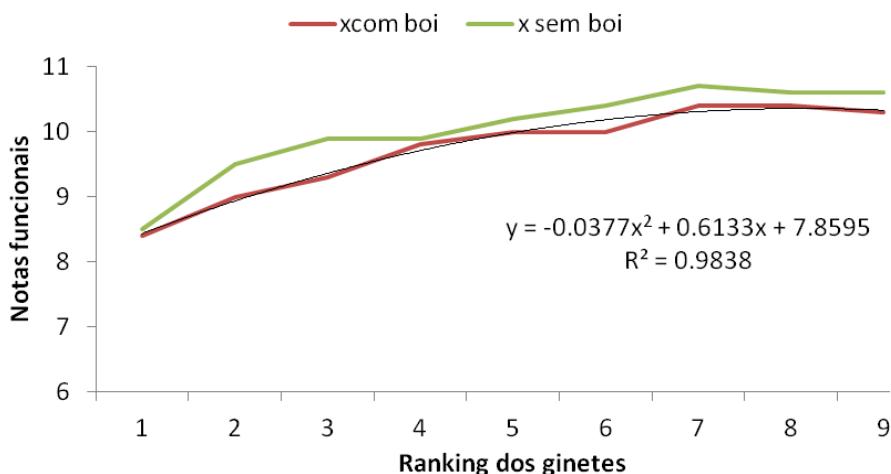


Figura 3. Paralelismo das notas funcionais que incluem etapas com boi e sem boi, em função do ranking dos ginetes.

Existe uma boa qualificação dos ginetes que chegam às classificatórias. Testando a hipótese de que os ginetes mais ou menos experientes tivessem um desempenho diferente frente às provas que incluem boi, verificou-se um paralelismo indicando que as oscilações das notas morfológicas tanto nas provas que incluem e nas que não incluem boi não são significativas e são variações devidas ao acaso, conforme Figura 3.

Houve um aumento das notas funcionais a medida que a experiência dos ginetes aumentava (Figura 1), sendo que as melhores notas foram observadas nos ginetes de classificação 7 (que já conquistaram um Freio de Prata ou um Freio de Bronze). A partir daí, as notas se estabilizam ou decrescem, segundo uma equação quadrática ($y=-0.0377x^2+0.6133x+7.8595$; $R^2= 0.09838$ e $P<0.001$). Uma das hipóteses para explicar esse resultado é de que esses ginetes menos ranqueados (“emergentes”) podem ter uma maior dedicação a um menor número de animais em relação aos ginetes mais ranqueados.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há um efeito significativo da classificação do ginete nas notas funcionais.

Esse efeito não é linear, indicando surgimento de ginetes “emergentes”, isto é, jovens que vem demonstrando uma ascensão no desempenho funcional, ranqueados na faixa intermediaria e que podem superar ou ser equivalentes ao desempenho dos mais ranqueados.

Não houve efeito da presença do boi no desempenho de ginetes mais ou menos ranqueados na classificação.

Embora o ginete exerça um efeito nas notas funcionais, o resultado funcional depende de outros fatores, entre eles fatores intrínsecos ao cavalo, como a morfologia, genética, temperamento e saúde.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARTINS, Charles Ferreira. Características biométricas associadas ao desempenho funcional no Freio de Ouro 2011/2012. In: **III Congresso do Cavalo Crioulo**. Gramado, RS: Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Crioulos, 2013.